

# Apoio Médico-Sanitário

1963 – 1974

*teatro-de-operações  
da*

*Guiné*



(subsídios para a História)

– «O relatório apresentado em 1963 pela missão da OMS sobre as três possessões portuguesas em África, conclui afirmando: "1º- Que os Serviços de Saúde destes três territórios são exemplares.»<sup>1</sup>

<sup>1</sup> (John Biggs-Davison, in "Portuguese Guinea - Nailing a Lie" pp.19/20, Londres 1970)

1965 – Março.26

No centro-norte da Guiné, «os guerrilheiros atacaram Encheia.<sup>1</sup> Um deles não sabia manejar a arma e matou-se a si mesmo. Quando fizeram a retirada, as tropas portuguesas [do pelotão da CArt730] sepultaram-no e recolheram dois feridos graves, que mandaram para o Hospital Militar.»<sup>2</sup>

<sup>1</sup> (povoação a 18km sul de Bissorã, guardada por um destacamento do Exército); <sup>2</sup> (Leonel Costa Barreiros, in "Bissau entre o amor e a guerra (Diário de Guerra)", pp.298)



1967 – Fevereiro.14

No noroeste da Guiné, o aquartelamento de São Domingos sofre flagelação inimiga, que causa a morte de dois militares e ferimentos na população da tabanca.

– «Em São Domingos havia lá uma população de etnia felupe. [...] Alguns dos combates que tive, foi em resposta a flagelações que o inimigo fez: entravam no nosso território e iam bombardear as aldeias de que não recebiam apoio. Por exemplo, houve um caso passado com uma pessoa que tem uma Cruz de Guerra,<sup>1</sup> em que houve uma flagelação numa povoação. Uma granada de morteiro ligeiro de 6cm [mort.60] – que é uma granada com cerca de 20cm de comprimento e um calibre de 6cm –, caiu no tecto de uma cubata da povoação e, por qualquer razão, não rebentou. A granada furou o tecto de capim e veio cair nas costas de uma mulher preta que se encontrava no interior da cubata. A granada atravessou a pele da mulher, deslizou entre a pele e as costelas. A granada estava com a espoleta armada e, por isso, o mais pequeno toque seria bastante para provocar uma explosão. Foi nessa mesma noite feito um rádio para Bissau a pedir a evacuação da mulher e no dia seguinte, de manhã cedo, apareceu um helicóptero. Aqui pode destacar-se a coragem do piloto, que se sujeitou a levar dentro do helicóptero uma pessoa naquelas condições, a qualquer momento a granada podia rebentar. O piloto transportou-a para o hospital militar de Bissau, que já estava à espera dela com tudo preparado, com um médico-cirurgião, Manuel Dias Gonçalves (que está agora [Out-Nov94] a exercer no Hospital de Santa Maria), e que a operou e lhe tirou a granada. O médico mandou construir uma espécie de muralha com sacos de terra à volta da mesa de operações, os enfermeiros estavam do lado de fora da muralha e, dentro da muralha, só estavam ele e a mulher; isto para o caso da granada explodir. Foi fantástico: a granada não rebentou e a mulher salvou-se.»<sup>2</sup>

<sup>1</sup> (Fernando Antunes Pinhão, 1º Cabo da CCav1483);

<sup>2</sup> (António Casimiro Rocha Ferrand d'Almeida (24Nov1924-15Out1997): oficial de cavalaria, em Mai66-Mai68 capitão colocado na 2ªRep/QG-CTIG; extracto de depoimentos concedidos em 21Out94 e 04Nov94, para a "Guerra de África", coord. JFAntunes)



1969 – Junho.10

“Aconteceu no dia 10.06.1969 diz assim o meu diário:”

– «Hoje entrou cá no hospital uma africana de nome Feliza Sana, com uma granada de morteiro 62 alojada na anca esquerda; o médico que comandou, com a ajuda dos homens das minas e armadilhas, toda a operação foi o Dr. Diaz, médico muito experimentado que tinha estagiado nos Estados Unidos da América. Foi necessário transportar para a sala de operações sacos de areia e a operação foi um êxito pois a granada foi retirada sem rebentar. Aconteceu um caso idêntico mas foi no Vietname.»<sup>1</sup>

– «Os nossos serviços de saúde na Guiné, em Angola e em Moçambique nunca perguntavam aos que os procuravam qual a sua nacionalidade e atendiam por igual os portugueses e os naturais dos Estados vizinhos, os quais na falta de meios de tratamento nos seus países acorriam aos nossos territórios.»<sup>2</sup>

<sup>1</sup> (Manuel Freitas, 1º Cabo Escriturário no Conselho Administrativo do HM241, 1968-70; in [blogueforanadaevaotres.blogspot.com/2011/07/guine-6374-p8499](http://blogueforanadaevaotres.blogspot.com/2011/07/guine-6374-p8499));

<sup>2</sup> (Silva Cunha, op.cit pp.38/9)



Heliporto do Hospital Militar de Bissau  
(foto © 2007 - Carlos Américo Rosa Cardoso, 1º Cabo Radiologista, HM241 1972-74)

